

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CETREDE – CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR**

**MEMÓRIAS POÉTICAS DE MANOEL BANDEIRA**

**FORTALEZA**  
**MARÇO, 2005**

.

# MEMÓRIAS POÉTICAS DE MANOEL BANDEIRA

Fernanda Batista Albuquerque

Orientador (a): Lídia. Eugênia Cavalcante.

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará e ao CETREDE, para obtenção do grau de Especialista em Leitura e Formação do Leitor.

FORTALEZA – CE

2005

Esta Monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Leitura e Formação do Leitor, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta Monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Fernanda Batista Albuquerque

Nome do Aluno

|                         |       |
|-------------------------|-------|
| _____                   | Nota  |
| Prof <sup>a</sup> ----- | ----- |
| Prof. Orientador        |       |

Monografia aprovada em (dia) de ( mês ) de ( ano).

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, que me deu vida e inteligência, e que me dá força para continuar a caminhada em busca dos meus objetivos.

Aos meus pais, Erialdo e Luiza que me ensinaram a não temer desafios e a superar os obstáculos com humildade.

A meu esposo Alexandre que me deu incentivo e coragem para a conclusão desse curso.

A meu filho, pela alegria e amor que me impulsiona a seguir sempre adiante.

À professora Lídia pelo incentivo e sugestões dadas para a realização da Monografia.

E aos demais, que de alguma forma contribuíram na elaboração desta monografia.

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| AGRADECIMENTOS   | i   |
| SUMARIO  | ii  |
| RESUMO   | iii |
| <br>   |     |
| INTRODUÇÃO   | 01  |
| <br>   |     |
| 1. UM PRECURSOR DO MODERNISMO  | 03  |
| <br>   |     |
| 2. A POESIA DE MANOEL BANDEIRA   | 07  |
| 2.1. Poesia da Vida  | 07  |
| 2.2. Poesia da Infância  | 10  |
| 2.3. Poesia do Tempo   | 12  |
| 2.4. Poesia da Morte   | 14  |
| 2.5. Poesia Social   | 16  |
| 2.6. Poesia Erótica  | 20  |
| <br>   |     |
| 3. DESENVOLVIMENTO DE TEMAS POPULARES NUMA LINGUAGEM<br>SIMPLES E COMUNICATIVA | 23  |
| <br>   |     |
| 4. MEMÓRIAS DE LEITORES DE MANOEL BANDEIRA                                     | 27  |
| 4.1. Primeira Leitora  | 27  |
| 4.2. Segundo Leitor  | 29  |
| 4.3. Terceira Leitora  | 31  |
| 4.4. Quarta Leitora  | 32  |
| 4.5. Quinta Leitora  | 33  |
| <br>   |     |
| CONCLUSÃO  | 36  |
| <br>   |     |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS   | 38  |

## **RESUMO**

Análise de poesias de Manoel Bandeira, tendo-se em vista a possível influência dos fatores pessoais e sócio-culturais do século XX em suas produções literárias. Destaque para temáticas poéticas que circundam a atualidade e o universo do leitor. Sendo, assim, feita uma entrevista a cinco pessoas, onde as quatro primeiras viveram praticamente no século XX, com exceção a quinta leitora, nascida no final da década de setenta, que por amar literatura e preferencialmente poesia, adentrou nesse universo literário. Nesta entrevista tivemos o prazer e interesse de questionar a respeito dos trabalhos do poeta Manoel Bandeira, e escritor modernista que deu início a esse mesmo movimento.

## INTRODUÇÃO

Segundo Manoel Bandeira, em poesia tudo é relativo, a poesia não existe em si, será uma relação entre o mundo interior do poeta com a sua sensibilidade, as suas vivências, e o mundo interior daquele que o lê. Diferentes leituras veiculam significações as mais diversificadas, mostrando na sua marca e traço, no seu efeito, o seu modo de expressão. A expressividade da poesia ocorre tendo em vista a finalidade de transmitir algo ao leitor. Bandeira centraliza suas poesias em temáticas cotidianas, conforme a meta desejada, seja ideológica, sentimental ou crítica.

Partindo do pressuposto que toda sua obra está relacionada a sua vida e ao contexto sócio-cultural do século XX, tem-se como objetivo nesse trabalho lembrar a história de vida do poeta. Ou seja, verificar se tais ocorrências interligam-se a sua produção literária.

No primeiro capítulo enfocaremos a participação de Manoel Bandeira ao contexto sócio-cultural da época, dentre eles a sua possível participação na Semana de Arte Moderna, destacando-se confirmações de alguns estudiosos literários, como Teles, Guimarães e Bosi. No segundo capítulo procederemos com a análise de alguns poemas de Bandeira, relatando as principais temáticas abordadas pelo poeta. Lembrando-se que as poesias foram selecionadas à medida que iam sendo lidas e analisadas. Devemos ressaltar a diversidade de poesias que o escritor Manoel Bandeira produziu. Já na terceira parte falaremos de temas populares, e atuais, abordado pelo escritor de maneira simples e comunicativa.

Vale lembrar que no segundo capítulo, a análise organiza-se em seis partes, cada qual retratando uma temática específica. O corpus é composto por onze poemas escolhidos com embasamento coerente e estudo de alguns literatos (Régis, Garbuglio, Afrânio Coutinho), justamente para ratificar as afirmações expostas durante todo o trabalho.

E finalizamos com o quarto capítulo. Nesta parte fizemos uma pesquisa, ou melhor, dizendo, uma entrevista a cinco pessoas, onde as quatro primeiras viveram na primeira época do século XX. Com exceção, a quinta leitora, mais jovem, nascida na década de setenta. Mas uma educadora, apaixonada pela literatura de Manoel Bandeira. A todos os entrevistados, tivemos o prazer de perguntar e ouvir respostas interessantes sobre o poeta. Entre as indagações feitas, escutamos sobre o que achavam do escritor, o que liam, o que sentiam ao ler suas poesias, quem os mandava ler, entre outras perguntas.



## 1.UM PRECURSOR DO MODERNISMO

No momento em que Manoel Bandeira publicou a “Cinza das Horas” (1917), reunião de poemas escritos desde 1903, à poesia brasileira atravessava um momento de pobreza e quase paralisia, dominado pelos parnasianos e simbolistas, incapazes de alterar a mesmice do quadro existente. O livro já não era de modelo parnasiano e sim simbolista, mas de um simbolismo não muito afastado do velho lirismo português. Apesar do poeta apresentar alguns resquícios do parnasianismo, percebe-se que o livro contém inovações que o diferencia da maré constante da época.

Conforme TELES, a publicação dessa obra de Bandeira possui uma marca diferenciadora:

*(...) todo grande poeta inaugura sempre um tipo natural de vanguarda, aquela que, sem romper diretamente com o passado literário, procura sempre atualizá-lo numa nova mensagem poética (...). Mas a obediência às regras não significa que o escritor não tenha liberdade e possibilidade de modificá-las, de ampliar as suas funções, de acrescentar-lhes novas matizes de significação, descobrir para elas novas funções no processo cultural (1986 p.p.38:39).*

Na verdade, a insatisfação pela escola literária parnasiana começa a ser perturbada por ensaístas e prosadores cujas obras põe a nu o quadro das mazelas brasileiras, alertando para o atraso, para os problemas que angustiam a nação e para os entraves às mudanças.

Capitalizando as insatisfações e o desejo de mudança, autores como Manoel Bandeira obrigam o País a discussões mais amplas e nos diversos níveis da sociedade. O ano de 1917 é de grande importância para o movimento modernista. Movimento este que se caracterizou pela tentativa de definições, e o rompimento com todas as estruturas do passado.

Além da publicação de “A Cinza das Horas”, e obras de outros escritores, o acontecimento polarizador do movimento foi à exposição da pintora Anita Malfatti, que provocou forte choque na mentalidade conservadora e acanhada de São Paulo. Antiacadêmica, sua pintura apontava para outra forma de ver as coisas, trazia uma linguagem nova que provocava incompreensão, intolerância e reação. Abria-se assim caminho para a chegada ao ano de 1922, para outra forma de ver a arte, a literatura e a própria vida. Assim chegava a Semana de Arte Moderna, que tinha como objetivo, renovar o ambiente artístico e cultural da cidade de São Paulo, com a perfeita demonstração do que há em nosso meio no que diz respeito à escultura, arquitetura, música e literatura, sob o ponto de vista rigorosamente atual. Tinha início, portanto, o processo de desobstrução e arejamento do espaço.

Em “Carnaval” (1919), de Manoel Bandeira, os modernistas de 22 tiram o poema “Os Sapos”, logo mais utilizado como hino de combate à escola parnasiana, que era visto como escravo de regras e normas que matavam a poesia. No entanto o coro dos insatisfeitos cresce, e com ele a luta para a libertação das artes, objetivo maior dos novos poetas.

Às causas internas do modernismo é preciso acrescentar as externas como fatores decisivos no processo de mudança. Aos fatos políticos, sociais, econômicos, somam-se inovações artístico-culturais: o Impressionismo, o Expressionismo alemão, o Dadaísmo, o Surrealismo, o Futurismo, o Cubismo na pintura, as inovações musicais. De algum modo, tudo isso alcança a vida cultural brasileira, agita o ambiente, determina as condições para a eclosão de movimentos internos e prepara os passos da Semana de Arte Moderna de 1922.

Mais velho que os escritores modernos de 1922, Manoel Bandeira não toma parte diretamente no novo movimento, em suas agitações e provocações, mas dá sua contribuição através de poemas.

Segundo GUIMARÃES:

*“... Os Sapos chamou especial atenção dos jovens que iriam fazer a Semana de Arte Moderna. Tanto que em 1922 o poema foi lido por Ronald de Carvalho no Teatro Municipal de São Paulo, debaixo de vaias. Sátira aos parnasianos, esse poema, no entanto, claramente não é um poema com marcas decisivas modernistas. É antes uma sátira parnasiana (1968 p.p.19)”.*

Nesse momento de agitação, Bandeira produz “Libertinagem” (1930), seu primeiro grande livro, onde o poeta se sente livre do lirismo comedido e bem comportado. Os anos de 1922-30, conhecidos como fase heróica do modernismo, dão bem a dimensão das lutas e conquistas, das mudanças e transformações que afetaram a vida do País no primeiro quartel do século. Os anos a seguir são de afirmação do movimento e de maturidade com a consagração de poetas como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Lima, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, todos eles de alguma forma beneficiários de soluções que Manoel Bandeira foi precursor.

Deste modo, o doente que passou a vida na amigável companhia da morte, a quem dedicou inúmeros poemas, o arquiteto que não foi, mesmo tendo criado uma cidade inteira \_ Pasárgada \_ deixou uma lição de grandeza e humildade. Segundo BOSI: “A *biografia de Manoel Bandeira é a história dos seus livros*”, pois em cada livro escrito, Bandeira “confessou” os acontecimentos de sua vida, como a morte de seu pai, seus amores; ou seja,

cada poesia sua retratava uma temática real, seja social ou pessoal. Pelas atividades que exerceu, pelo número de obras publicadas, a vida de Manoel Bandeira constitui uma vitória da determinação do espírito sobre o corpo, a mostrar que sob a matéria vacilante havia uma alma sadia, um espírito grandioso a impulsionar o homem para a realização de sua obra e cumprimento de seu destino.

## **2. A POESIA DE MANOEL BANDEIRA**

Neste capítulo serão apresentadas algumas poesias de Manoel Bandeira; e conseqüentemente serão analisadas. Leremos e analisaremos sucintamente cada uma, classificando-as por temáticas e levaremos em consideração algumas idéias e pressupostos de escritores e estudiosos habilitados na área. Não devemos nos esquecer que em toda poesia há um “entrelaç” histórico (acontecimentos sócio-político) com o pessoal. Podemos afirmar, portando, que os livros de poesia de Manoel Bandeira retratam a história de seu “habitat”, de seu mundo próprio e universal.

### **2.1. Poesia da Vida**

Observam-se em princípio, dois modos não excludentes de aproximação da poesia: por via da análise, examinando, desmontando o poema, procurando entender seu mecanismo, sua estrutura, até perceber sua beleza, seu significado; ou por via da sensibilidade, deixando que o texto nos crie inspiração e se revele.

A maior parte dos poemas de Manuel Bandeira é mais facilmente acessível da segunda maneira. Conforme afirma o próprio escritor, BANDEIRA apud TELES (1986: 44): “(...), a poesia não existe em si: será uma relação entre o mundo interior do poeta com a sua sensibilidade, as suas vivências, e o mundo interior daquele que o lê”. O universo de sua poesia chega até nós pelo efeito da revelação. De repente, sentimos que as imagens de seus poemas trazem elementos que provocam nossa emoção sem que saibamos exatamente por quê. Falam de experiências e relações que também são nossas e que talvez por isso mesmo acabam mexendo com nossos sentidos, ajudam a despertar validades que estão adormecidas

em nosso interior. Imagens que brotam do subconsciente, carregado de significados que a poesia é capaz de desentranhar. Um exemplo simples dessa revelação que a poesia pode gerar, tem-se em “Canção do Vento e da Minha Vida”, onde o poeta passa de maneira singela e carinhosa a importância de nós existirmos e o amor pelo ato de viver:

O vento varria as folhas,  
O vento varria os frutos,  
O vento varria as flores...  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De frutos, de flores, de folhas.

O vento varria as luzes,  
O vento varria as músicas,  
O vento varria os aromas...  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De aromas, de estrelas, de cânticos.

O vento varria os sonhos  
E varria as amizades...  
O vento varria as mulheres.  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses  
E varria os teus sorrisos...  
O vento varria tudo!  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De tudo.

Nesta canção, por sinal autobiográfica, Manuel Bandeira traduz sua vida a partir de palavras simbólicas e expressivas. No decorrer do poema pode-se observar a presença repetitiva da expressão “O vento varria”, para enfatizar simbolicamente a questão do tempo na vida. Apesar de o tempo passar, e junto levar todos os momentos maravilhosos presenciados pelo escritor, continua presente no poeta todas as suas lembranças e acontecimentos bons vividos durante a infância, adolescência e sua fase adulta.

Para Bandeira, apesar do momento ser passageiro, fica presente na existência do ser humano as boas lembranças.

Na primeira estrofe, observa-se a maturidade que o poeta adquiriu durante toda a sua história. Na segunda estrofe, as palavras aromas, estrelas, cânticos, revelam toda a felicidade, os momentos felizes e inesquecíveis da vida.

Na realidade, Manuel Bandeira apesar da doença era um homem bastante encorajado e feliz, por ter convivido com pessoas que o amavam e respeitavam. Bandeira adorava seus familiares, gostava de lembrar seus momentos infantis, desejava viver.

Verificamos claramente nesse poema a importância e a valorização que devemos dar não só a nós mesmos, mas principalmente a todas as pessoas que nos rodeiam e fazem parte direta ou indiretamente de nossa existência, pois o tempo passa depressa, e quando mal apreendermos, ao olharmos para trás, podemos perceber que não aproveitamos o suficiente.

No poema seguinte temos:

### EPÍGRAFE

Sou bem-nascido. Menino,  
Fui, como os demais, feliz.  
Depois, veio o mau destino  
E fez de mim o que quis.  
Veio o mau gênio da vida,  
Rompeu em meu coração,  
Levou tudo de vencida,  
Rugia e como um furacão,  
Turbou, partiu, abateu,  
Queimou sem razão nem dó –  
Ah, que dor!  
Magoado e só,  
- Só! - meu coração ardeu:  
Ardeu em gritos dementes  
Na sua paixão sombria...  
E dessas horas ardentes  
Ficou esta cinza fria.  
- Esta pouca cinza fria.

Percebemos nesse belíssimo poema \_ “Epígrafe” \_ que Manoel Bandeira faz reflexão também sobre a vida.

Observamos no primeiro parágrafo, a importância dada ao nascimento (marco inicial de nossa história), e logo após, o período da infância, onde o escritor relata ter sido menino como os demais, alegre. Mas, infelizmente, não para por aí, passamos, no decorrer de nossa existência, por diversas etapas e, acontecimentos, (alegrias, tristezas, decepções). Identificamos justamente essas etapas no segundo e terceiro parágrafo. A vida é passageira, dela guardamos apenas as lembranças. O dia de hoje não será o mesmo de amanhã.

E finalmente no quarto parágrafo tem-se a concretização do término de nossa vivência que é a morte, onde esta está representada pelas cinzas.

Observamos também em “Epígrafe”, a questão da inocência: “Menino, Fui como os demais, feliz. Depois, veio o mau destino E fez de mim o que quis”.

Concluimos, portanto, que o convívio com os fatos sociais é o que faz as pessoas se transformarem.

## **2.2. Poesia da Infância**

Observamos que esse tema percorre toda a obra de Bandeira, e avança por um sistema de oposição entre a criança e o adulto, o passado e o presente, tempo feliz e tempo de desconforto. As aspirações básicas do poeta com essas poesias são as ações de crianças, como provável compensação que o impedia de fazer o que toda criança gosta (brincar, correr, subir em árvores, e etc.). Na realidade, a reconstrução da poesia do mundo da infância não deixa de ser outra modalidade de fuga, pois admite que aquele tempo (passado) podia ter sido melhor que o presente. De acordo com BRANDÃO (1986: 34): “Às vezes é o passado



feliz que o poeta vai buscar, ele próprio transformado na fantasia que o encantou durante a infância”:

Analisemos a seguir o poema EVOCAÇÃO DO RECIFE:

“EVOCAÇÃO DO RECIFE”

Recife  
Não a Veneza americana  
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais  
Não o Recife dos Mascates  
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois –  
Recife das revoluções libertárias  
Mas o Recife sem história nem literatura  
Recife sem mais nada  
Recife da minha infância

Verificamos que no decorrer do poema o escritor cita diversas cidades (Veneza americana, Mauritsstad das Índias Ocidentais, o próprio Recife dos Mascates), mas nunca faz comparações diretas com as mesmas, pois para ele existe apenas uma única e exclusiva cidade, que é o “Recife de sua infância”. Bandeira não exalta as cidades exteriores, mas sim, valoriza sua terra. Terra que se criou e fez menino.

Na última linha do poema, o poeta confessa a saudade da época de infância: “Recife da minha infância”, demonstrando o grande amor e as boas recordações vividas durante o tempo que passou na cidade natal.

Para Manoel Bandeira o único ambiente que lhe interessa é a terra onde nasceu, cresceu, e se criou. Pois foi neste mesmo local onde passou os melhores momentos de sua infância.

Nesse próximo poema percebemos:

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Quando eu tinha seis anos  
Ganhei um porquinho-da-índia.  
Que dor de coração me dava

Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!  
Levava ele pra sala  
Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos,  
Ele não gostava:  
Queria era estar debaixo do fogão.  
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...  
- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

Neste poema, Bandeira relembra sua, infância: “Quando eu tinha seis anos...”, e assim como toda criança revela a ingenuidade infantil: “Que dor de coração me dava \_ Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!”.

Assim como toda criança, o escritor se sentia protegido na companhia de um animal, neste caso um porquinho da índia. Para onde ia, levava consigo este ser. É o que verificamos no quinto e sexto verso: “Levava ele pra sala / Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos”. Mas no decorrer dos versos veremos que essa segurança não é recíproca. O porquinho-da-índia não tinha interesse em estar acompanhado: “Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas”.

Identificamos uma característica, que comprova também ser este um poema de temática infantil, que são as palavras diminutivas: “limpinhos” presentes na segunda linha da segunda estrofe e a palavra “ternurinhas” presente na quinta linha também da segunda estrofe.

### **2.3. Poesia do Tempo**

Identificamos que algumas poesias de Manoel Bandeira retratam a temática do tempo. Essas mesmas poesias são as que deixam a sensação da fugacidade das coisas e da transitoriedade desde mesmo momento que é passageiro.

É o que percebemos em “Pneumotórax”:

## PNEUMOTÓRAX

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.  
A vida inteira que podia ter sido e que não foi,  
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

.....  
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo  
e o pulmão direito infiltrado.  
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?  
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

O poema “pneumotórax” representa um poema de período, ou melhor dizendo de fases: “a vida inteira que podia ter sido e que não foi...”, pois percebemos, a importância que Bandeira faz do tempo nas nossas vidas, como ela é passageira e devemos aproveitá-la cada minuto.

Identificamos através deste poema, que geralmente as pessoas falam sem pensar, sem saber se machucará a pessoa a que se dirigiu a palavra. É tudo muito automático, quando mal percebemos as palavras saem com uma rapidez: “O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado”.

Tudo isso faz com que reflitamos sobre nossa existência neste universo. Temos a ciência que um dia nossa vida terá fim material. Portanto devemos aproveitá-la o máximo, para que não nos arrependamos mais na frente.

Na verdade este poema serve como reflexão a cerca do “aproveitar” o tempo da vida, para que não venhamos a nos arrepender.

Neste poema identificamos também que o escritor se prepara para a morte. Percebemos que nele, Bandeira revela seu estado doentio: “ Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax ?”. Infelizmente, Manoel Bandeira recebe a notícia de que sua vida

pode estar no fim: “... não é possível tentar o pneumotórax ? / Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino”.

## 2.4. Poesia da Morte

Manoel Bandeira ao completar seus dezoito anos, foi obrigado a abandonar os estudos por causa da doença que o atingiu. A partir de então o poeta esteve compelido a conviver com a estranha presença da morte. Se não aceitou a sentença que o destino lhe reservou, também não se revoltou, como era de se esperar. Hóspede incômoda, a morte ingressou na sua vida e poesia.

A temática persiste. Depois de tangenciar os poemas de *Carnaval* (“Epílogo”), passa por *O Ritmo Dissoluto* (“Noite Morta”), ganha amadurecimento e mais ampla contextura em *Libertinagem* (“Profundamente”) para adquirir estatuto muito especial a partir de *Estrela da Manhã*, com o belíssimo e inquietante “Momento Num Café”:

### MOMENTO NUM CAFÉ

Quando o enterro passou  
Os homens que se achavam no café  
Tiraram o chapéu maquinalmente  
Saudavam o morto distraídos  
Estavam todos voltados para a vida  
Absortos na vida  
Confiantes na vida

Um no entanto se descobriu num gesto longo e demorado  
Olhando o esquife longamente  
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade  
Que a vida é traição  
E saudava a matéria que passava  
Liberta para sempre da alma extinta.

O poema se propõe como se fora um ritual próprio da ocasião, e o ritual provoca respostas automáticas, que é como precede o grupo de pessoas do interior do café – “Todos [...] absortos na vida” – indiferentes ao que pode haver de mais profundo. Mas entre a primeira e a segunda parte se estabelece uma oposição responsável pelo paradoxo dos que estão “confiantes da vida”, ou entre o gesto maquinal de quem apenas cumpre o ritual mecanicamente, com indiferença, sem ser tocado pelo acontecimento, e o outro, cujo gesto demorado responde a um impulso interior, a uma confissão identificadora com o acontecimento. Gesto que individualiza o comportamento e o faz funcionar como elo de ligação entre o poeta, o poema e o leitor.

O que comprova também ser este um poema de temática de morte, são algumas palavras e frases presentes no decorrer da poesia: “Quando o enterro passou”, “... Saudavam o morto distraídos”, “E saudava a matéria que passava / Liberta para sempre da alma extinta”. Nesses dois últimos versos, podemos perceber, que a matéria que ali passava era o “corpo” de uma pessoa, e que tal “corpo” estava liberto da vida material, sofrida, aqui na terra.

Verificamos também essa temática em:

#### POEMA DE FINADOS

Amanhã que é dia dos mortos  
Vai ao cemitério. Vai  
E procura entre as sepulturas  
A sepultura de meu pai.  
Leva três rosas bem bonitas.  
Ajoelha e reza uma oração.  
Não pelo pai, mas pelo filho:  
O filho tem mais precisão.  
O que resta de mim na vida  
É a amargura do que sofri.  
Pois nada quero, nada espero.  
E em verdade estou morto ali.

Nesta poesia, percebemos que Manoel Bandeira relembra a morte do pai, revelando o grande amor por ele, e a falta que este lhe faz: “E procura entre as sepulturas / A sepultura de meu pai / Leva três rosas bem bonitas / Ajoelha e reza uma oração”.

Para o poeta a vida não tem mais sentido. Ele também se considera um homem morto: “Pois nada quero, nada espero / E em verdade estou morto ali”.

Podemos verificar que o próprio título já revela o que irá tratar o texto: Poema de Finados; poema de mortos. Identificamos também diversas palavras que confirmam a temática: mortos, cemitérios, sepulturas, morto.

## **2.5. Poesia Social**

As poesias de Manuel Bandeira que abordam a temática social, caracterizam-se pela simplicidade e relato de fatos ainda hoje costumeiros, como a própria discriminação social. O poeta demonstra reações de alerta, sempre pronto a refletir essas desigualdades sociais, a perda da individualidade, as carências, a falta de solidariedade. Conforme RÉGIS (1982: 26) a função social aparece mais claramente nas poesias de Bandeira quando: “o artista coloca sua poesia a serviço de uma ideologia, contribuindo para a formação de novas idéias, ao mesmo tempo que critica a sociedade”. Por certo observamos tal atitude em poemas como: “Meninos Carvoeiros”, “Balõezinhos”, “Poema tirado de uma Notícia de Jornal”, “Poema de Beco”, “O Bicho”, “Nova Poética”, “Boi Morto”, “Passado, Presente e Futuro”.

Todos esses poemas apresentam uma carga lírica onde a emoção transmitida pelo poeta influencia na produção de uma poesia composta por elementos caracteristicamente sociais. São poemas que expõem a fragilidade da pessoa diante das forças que atuam para

dificultar a concretização do percurso social e das grandes misérias que transformam o homem numa máquina de interesses imponderáveis e o atiram para a marginalidade.

Em “Poema Tirado de uma Notícia de Jornal”, Bandeira mostra claramente sua preocupação em refletir sobre a individualidade perdida ou viver em permanente estado de ameaça, justamente pelos valores postos em circulação. Para RÉGIS (1982: 55), pode-se concluir desse poema que: “a denotação é que predomina, apesar do tom alegórico que vai insinuando nas leituras”.

João Gostoso era carregador da Feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número  
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado  
 (“Poema tirado de Uma Notícia de Jornal”.)

No entanto, as clarezas dos fatos são expostas de forma bem objetiva. Daí a certeza de que o presente é sempre de perplexidade e de angústia, de recusas e incertezas. O personagem tipo do poema representa a própria coletividade de “Miseráveis” que sofrem na vida devido às mazelas sociais. Para sua salvação, o único método encontrado para o escapismo dessas dificuldades é a própria fuga. Seja ela com finalidade positiva ou drástica.

E o mais célebre dos célebres que podemos mencionar, que retrata a temática social é: “Os Sapos”,

#### OS SAPOS

Enfunando os papos,  
Saem da penumbra,  
Aos pulos, os sapos.  
A luz os deslumbra.  
Em ronco que aterra,  
Berra o sapo-boi:

- "Meu pai foi à guerra!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"  
O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: - "Meu cancionero  
É bem martelado.  
Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.  
O meu verso é bom  
Frumento sem joio.  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.  
Vai por cinquenta anos  
Que lhes dei a norma:  
Reduzi sem danos  
A formas a forma.  
Clame a saparia  
Em críticas cétricas:  
Não há mais poesia,  
Mas há artes poéticas..."  
Urra o sapo-boi:  
- "Meu pai foi rei" - "Foi!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"  
Brada em um assomo  
O sapo-tanoeiro:  
- "A grande arte é como  
Lavor de joalheiro.  
Ou bem de estatuário.  
Tudo quanto é belo,  
Tudo quando é vário,  
Canta no martelo."  
Outros, sapos-pipas  
(Um mal em si cabe),  
Falam pelas tripas:  
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!"  
Longe dessa grita,  
Lá onde mais densa  
A noite infinita  
Verte a sombra imensa;  
Lá, fugido ao mundo,  
Sem glória, sem fé,  
No porão profundo  
E solitário, é  
Que soluças tu,  
Transido de frio,  
Sapo-cururu  
Da beira do rio...



Manoel Bandeira, no poema “Os Sapos”, parodia a “Profissão de fé” de Olavo Bilac, uma espécie de poética do Parnasianismo brasileiro que agride a expressão oca e o desaparecimento da poesia, investe contra o estado de crise a que haviam conduzido. Trabalhando com os instrumentos fornecidos pelo Parnasianismo, o poeta reforça a capacidade destrutiva porque rói por dentro a matéria indesejável. Ao insistir na voz dos sapos como eco de outra voz, o poeta cria no seu interior um sistema de repetição, destituído de força ou poder criador, deixando no próprio verso a marca da fadiga. Desse modo se esclarecem às razões da agressão, os seguidores parnasianos nada mais faziam que refletir o que viam e ouviam, sem originalidade nem força, num hábito insistente e cansativo até a exaustão.

O poema se torna tanto mais cruel no modo da escolha de palavras, escolhidas com intenção estritamente sarcástica, a começar pelo título do poema: sapo, papo, berra, aterra, guerra, martelado, comer hiatos, saparia, urra, tripas, com os quais cria um mecanismo cuja finalidade é desmascarar a linguagem supostamente nobre.

Mudando-se o sentido dos termos, a paródia produz o efeito de limpeza e origina o movimento de retomada da voz lírica. Bandeira trabalha com ironia. Ao corroer a convenção poética pelo espírito satírico do poema, Bandeira está ao mesmo tempo se insurgindo contra a prática que lhe dá sustentação.

A atualização da poética significava muito mais que repensar os instrumentos poéticos disponíveis, pois se inscrevia na linha de frente da luta pela atualização da literatura brasileira e até de sua sociedade, cujo vigor estava comprometido por amarras e vícios diversos, que a atavam e diminuía. Não foi por acaso que os modernistas transformaram o poema em sua bandeira de luta.

## 2.6. Poesia Erótica

O poeta que tanto se ocupou da morte, que paradoxalmente encheu de vida seus poemas, não poderia deixar de falar de seu oposto, mesmo porque os dois andam sempre juntos. Se a morte foi companheira constante do poeta, o amor e suas múltiplas formas de manifestação, a mulher, sua beleza e atração, a carne e o desejo, mesmo quando ganham marcas de transcendência e cobrem as criaturas com certa aura de espiritualidade, imprimem um ar de incompletude e deixam um rastro de frustrações que formam com certeza a marca mais dolorosa desse sentimento.

Na verdade, o amor e suas várias formas de manifestação percorrem toda a obra de Bandeira, ora de modo velado, ora de modo ostensivo, multiplicando-se em imagens e figuras de linguagem que lhe dão consistência e permitem descortinar as reações e posições com as quais o poeta constrói sua visão de mulher e do sentimento amoroso.

Em “A Cinza das Horas” já encontramos as primeiras referências eróticas, em poemas como “Poemeto erótico”. Segundo TELES (1986: 54) : “a estrofe pequena, em verso de sete sílabas, contrasta e envolve o objeto de desejo, com muitas conotações curiosas, inclusive a de que a mulher a ser possuída é a própria poesia”.

Teu corpo claro e perfeito,  
- Teu corpo maravilha,  
Quero possuí-lo no leito  
estreito da redondilha.

(Poemeto erótico)

Observa-se também claramente a face erótica de Manuel Bandeira no poema “Arte de amar”:

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.  
Só em Deus ela pode encontrar satisfação.  
Não noutra alma.  
Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

Nesse poema se opera um corte, sem maiores cerimônias, separando matéria e espírito. A tônica insiste fortemente na idéia de amor como ato físico, relação em que a instintiva sabedoria do corpo dispensa interferências de outra ordem, pois estas servem apenas para atrapalhar um fato que tem tudo para ser agradável, desde que não procure justificativa transcendental, razões de ordem superior.

O amor, a atração dos corpos não precisa de justificativa, tem seu próprio sentimento de completude. Mas é necessário ir devagar para não mutilar o conjunto de sua poesia amorosa. Na verdade este é o ângulo mais ostensivo e visível dessa difícil e complicada relação, no geral frustrante.

De fato, na relação amorosa, a palavra desejo apresenta incidência muito forte, freqüenta sua poesia com assombrosa assiduidade e, pode-se dizer, é ela que dá ênfase para a definição do ato amoroso. Deste modo, amor é desejo de algo que se quer e não se tem, como se vê em Platão, ao buscar a definição de amor. Amor é falta, carência, uma espécie de vazio impossível de preencher. Seu atributo principal é, portanto, a busca, condição básica para preenchimento daquela necessidade, de antemão condenada ao fracasso. Se o sentido de incompletude que caracteriza o sentimento amoroso é a idéia de renovação da busca, como atitude permanente, que ao fim, gera aquele sentimento de frustração, a insatisfação constitui

o elo mais visível e doloroso desta busca sem fim e sem limites que permeia toda a poesia amorosa de Manuel Bandeira.

### **3. DESENVOLVIMENTO DE TEMAS POPULARES NUMA LINGUAGEM SIMPLES E COMUNICATIVA**

Quem conviveu com a poesia dos parnasianos, com os cultores de Bilac, jamais poderia imaginar que a “poesia” pudesse descer da nobreza a que tinha guindado para as ruas sujas da cidade; dos templos sagrados para o prosaico das relações diárias. Sair da corte dos eleitos para o cotidiano desgracioso do universo em que eles próprios tinham de viver. E, no entanto, isto aconteceu no Brasil. De forma agressiva durante as manifestações modernistas, de modo natural na poesia de Manoel Bandeira.

A dificuldade estava em que, sem mudança radical na sensibilidade, não seria possível aceitar a idéia de que dia-a-dia contivesse elementos de poesia, tão dignos quanto a vida das cortes celestes. Mas havia um cansaço enorme de tantos deuses, de tanta coisa distante de nosso convívio e, sobretudo, do insano martelar de versos mecanizados e quase sempre iguais.

A poesia que se praticava entre nós tinha adquirido tal artificialismo que, falando de realidades tão distantes, nos afastou de tudo e nos tornou estrangeiros em nosso próprio terreno. O triste é que era exatamente essa parafernália que havia adquirido estatuto de “poesia” para as gerações do começo do século, adversária de quaisquer modificações. Estas vieram de forma abrupta e violenta com os modernistas de primeira hora, que buscavam uma adequação entre a realidade e a literatura, ou de forma sorrateira, com naturalidade, na poesia de Bandeira. É que o poeta já tinha incorporado o humilde cotidiano por força de sua própria vida e, especialmente, por uma espécie de solidariedade intrínseca que o levava a aproximar-se deste universo, que também era seu. Antenas ligadas, sensibilidade pronta, o poeta participava do espetáculo à sua volta e podia sentir os dramas dos atores, transformando-os em objeto de poesia pela magia de sua palavra.

É que desde cedo o poeta veio participando deste espetáculo e por isso mesmo soube vivê-lo e compreendê-lo, como se pode ver em algumas de suas poesias:

Em “Carta Poema”, encontramos um poema com temática social.

#### CARTA-POEMA

Excelentíssimo Prefeito  
Senhor Hildebrando de Góis,  
Permiti que, rendido o preito  
A que fazeis jus por quem sois,

Um poeta já sexagenário,  
Que não tem outra aspiração  
Senão viver de seu salário  
Na sua limpa solidão,

Peça vistoria e visita  
A este pátio para onde dá  
O apartamento que ele habita  
No Castelo há dois anos já.

É um pátio, mas é via pública,  
E estando ainda por calçar,  
Faz a vergonha da República  
Junto à Avenida Beira-Mar!

Indiferentes ao capricho  
Das posturas municipais,  
A ele jogam todo o seu lixo  
Os moradores sem quintais.

Que imundície! Tripas de peixe,  
Casca de fruta e ovo, papéis...  
Não é natural que me queixe?  
Meu Prefeito, vinde e vereis!

Quando chove, o chão vira lama:  
São atoleiros, lodaçais,  
Que disputam a palma à fama  
Das velhas maremas letais!

A um distinto amigo europeu  
Disse eu: — Não é no Paraguai  
Que fica o Grande Chaco, este é o  
Grande Chaco! Senão, olhai!

Excelentíssimo Prefeito  
Hildebrando Araújo de Góis  
A quem humilde rendo preito,  
Por serdes vós, senhor, quem sois!

Mandai calçar a via pública  
Que, sendo um vasto lagamar,  
Faz a vergonha da República  
Junto à Avenida Beira-Mar!

Inicialmente pelo tema \_ Carta Poema\_ percebemos que a poesia irá se tratar de uma carta enviada a alguma pessoa. Pessoa esta que logo no início da primeira estrofe, identificamos ser um político: “Excelentíssimo Prefeito...”.O mais interessante disso tudo é que, mesmo tendo sido escrita no século XX, trata-se de uma poesia com questionamentos e assuntos atuais. Como apreendemos, na segunda estrofe identificamos o “remetente” dessa carta: “Um poeta já sexagenário...”, este que por sua vez demonstra ser idoso e sozinho, mas um ser social crítico e participativo, conhecedor de seus direitos Assim afirma SOARES (1988:19): “Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis..., aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação”.

No decorrer do poema verificamos o descaso dado à sociedade, o que não é de estranharmos, pois ainda hoje percebemos esse desprezo pela classe baixa: “ A ele jogam todo o seu lixo / Os moradores sem quintais”.

Como podemos perceber, as poesias de Manoel Bandeira retratam uma linguagem simples e comunicativa, e que o leitor assíduo ou apaixonado por poesia, ou até mesmo conhecedor do escritor, saberá identificar as temáticas de que tratam suas poesias.

De fato, Bandeira trouxe para a poesia a rua, a voz do povo. E esta postura tem uma importância fundamental para o avanço do próprio Modernismo, na medida em que procura infiltrar-se da matéria viva do país, renegado na poesia da época. Enfim, a vida brasileira

começava a entrar na literatura pela porta da frente e a dar mais vitalidade às nossas manifestações de arte.



#### **4. MEMÓRIAS DE LEITORES DE MANOEL BANDEIRA**

Neste capítulo, apresentaremos entrevistas feitas a cinco pessoas que leram poesias de Manoel Bandeira, e que viveram na primeira época do século XX. No decorrer da entrevista observamos que essas cinco pessoas adquiriram o prazer pela leitura desde cedo por influência de familiares. Muitos viam seus pais lendo, outros escutavam estórias e lendas contadas por esses familiares. A maioria dos entrevistados não tinham preferência por autores, liam de tudo, de A a Z. Segundo BARTHES (1999:20): “Se aceito julgar um texto segundo prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau”. Todos os leitores liam com prazer e não por obrigação, o que infelizmente não acontece nos dias de hoje.

##### **4.1. Primeira Leitora**

Entrevistamos primeiramente Sra. Marlene Carneiro de Souza, nascida em Teresina estado do Piauí. Nasceu em 11 de janeiro de 1928, hoje com seus 77 anos de idade. Aposentada. Moradora da Rua Padre Paulino, 401, apt101, Bairro Cajazeiras. Cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Viveu praticamente no período da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Viu e conviveu com diversos acontecimentos sócio-culturais, até mesmo extraordinários, que influenciaram a nova sociedade que se formava no início do século XX.

Tanto no Brasil como no resto do mundo, a literatura traduzia esse momento extremo entre o fascínio da ciência e a destruição. Podemos mencionar como os fatos mais marcantes e ocorridos no mundo nesse período: a Primeira Guerra Mundial, o fascismo e nazismo e a Quebra da Bolsa de Nova Iorque. Já no Brasil identificamos como principais acontecimentos: a política do café-com-leite, os 18 do Forte de Copacabana (1922), a

Semana de Arte Moderna (1922), o Movimento Tenentista (1924), e a Coluna Prestes (1924-27). Foi neste mundo de descoberta e inovação que viveu Sra. Marlene.

Falaremos a seguir sobre uma conversa tida, ou melhor, dizendo, uma entrevista feita a esta Senhora sobre o escritor e poeta Manoel Bandeira.

Perguntei inicialmente o que Sra. Marlene achava do escritor Manoel Bandeira. Sra. Marlene foi bem sucinta: *“Bandeira foi um verdadeiro poeta. Escreveu poesias belíssimas, sobre assuntos belíssimos. Seu jeito discreto de escrever é apaixonante”*. *“Bandeira me fez ler com outros olhos”*. Logo em seguida indagamos sobre o que sentia ao ler as poesias do escritor. Geralmente, quando as lia, Sra. Marlene refletia sobre cada frase escrita no papel, e a cada frase sentia algo novo. *“Cada poesia era especial”*. O mais interessante é que nesse momento Sra. Marlene recordou um verso de Bandeira que diz: *“Os poucos versos que aí vão/, Em lugar de outros é que os ponho/ Tu que me lêes, deixo ao teu sonho/ Imaginar como serão”*. Na verdade, Bandeira fazia com que sentisse o que ele estava sentindo. Parecia tudo muito real. Quando lia e percebia que estava escrevendo com tristeza, sentia tristeza. Quando lia e percebia que sentia alegria, sentia alegria, pois começava a se lembrar de acontecimentos de infância que a fazia rir. E assim sucessivamente. Tinha poesias que sentia saudades, pois quando Bandeira relatava estar sentindo falta de familiares, lembrava também de familiares queridos que tinha perdido.

Ainda hoje quando Sra. Marlene lê algumas poesias de Manoel Bandeira, sente revolta, pois percebe que os acontecimentos sociais continuam do mesmo modo, sem progressão. E relata mais uma vez um verso de Bandeira: *“É um pátio, mas é via pública, / E estando ainda por calçar/, Faz a vergonha da República / Junto à Avenida Beira Mar”*.

Sra. Marlene leu e continua lendo as poesias de Manoel Bandeira. Nos confessou que não leu todas as poesias, pois além desse gênero poético, gosta de ler romances, contos, crônicas, e outros tipos de textos. E nos revelou: *“Mas entre as poesias que já li, posso*

mencionar algumas, como por exemplo, “Versos escritos n’água”; “Desesperança”; o tão famoso e declamado “Os Sapos”, crítica a escola Parnasiana; “Carta-Poema”, do livro: “*Manoel Bandeira – Antologia Poética*”; “Rondó dos Cavalinhos”; “Renúncia”; “A Estrela” do livro: “*Manoel Bandeira. Poesia Completa e Prosa*”, “Evocação do Recife”, “Infância”, “Água-forte”, onde temos metáforas que revelam a riqueza do corpo feminino, “Ternura”, entre outros.

Quando perguntamos a ela o que achava do escritor, de suas poesias e temáticas, nos respondeu: “*Sempre achei que Bandeira foi um escritor bastante crítico. Suas poesias falavam de temáticas sociais, infantis, sentimentais...*”. As poesias mais conhecidas de Manoel Bandeira que leu e escutou falar foram: “Os Sapos”; “Vou-me embora pra Pasárgada”. E ao perguntarmos o que representavam essas poesias, Sra. Marlene nos respondeu, que todas as poesias lidas representava para ela a própria biografia do escritor. E nos confessou mais, que a partir das mesmas, pode visualizar a sua vida também. Todas as poesias de Manoel Bandeira foram lidas por vontade própria. “*Acho que por desde cedo ver meus pais lendo, adquiri o gosto pela leitura*”.

#### **4.2. Segundo Leitor**

O segundo leitor ao qual tivemos o prazer de entrevistar chama-se Atualbo Mendonça de Souza, nasceu em Teresina estado do Piauí. Nascido a 12 de junho de 1927, hoje está com seus 78 anos de idade. Funcionário Público aposentado, e por coincidência, esposo de Sra. Marlene. Viveu também na época da Primeira e Segunda Guerra Mundial, no tempo do fascismo e nazismo alemão e o período da Quebra da Bolsa de Nova Iorque. Já no Brasil identificamos como principais acontecimentos: a política do café-com-leite, os 18 do Forte

de Copacabana (1922), a Semana de Arte Moderna (1922), o Movimento Tenentista (1924), e a Coluna Prestes (1924-27). Portanto, como percebemos, os acontecimentos desse período são os mesmos citados a cima, em primeira leitura.

A seguir falaremos sobre uma conversa tida com o Sr. Atualbo, a respeito do poeta Manoel Bandeira.

Inicialmente perguntarmos sobre o escritor Manoel Bandeira. Na verdade quem era Manoel Bandeira para ele. Sr. Atualbo nos disse que: *Manoel Bandeira foi um “homem de garra”, pois desde cedo passou por algumas dificuldades, mas mesmo assim assumiu um papel de homem com responsabilidade.* Nos disse também que ao ler as poesias de Manoel Bandeira sentia uma certa admiração, pois via que tais poesias eram escritas com sentimento próprio.

Senhor Atualbo leu diversas poesias de Bandeira, entre elas: “Os Sapos”; “Canção do Vento e da Minha Vida”; “Momento num Café”; “Poemeto Erótico”; “Vou-me embora pra Pasárgada”, entre outras. Quando perguntamos ao Sr. Atualbo o que achava do escritor, de suas poesias e temáticas, nos disse: *“o poeta e escritor Manoel Bandeira foi um homem de fibra”, pois soube lhe dar em diversas situações de dificuldade. O mais interessante é que a partir dessas dificuldades surgia sua produção poética. Quanto as suas poesias, não necessita comentários, é cada uma mais linda que a outra.*

Segundo Sr. Atualbo as poesias mais conhecidas e citadas de Bandeira são: “Os Sapos”, “Vou-me embora pra Pasárgada”, “Evocação de Recife”, “Epílogo”, “Momento num café”, “Tereza”, “Profundamente”, “Poema tirado de uma notícia de jornal”, “Poema do beco” e outras. Todas essas poesias mencionadas e também as não mencionadas, para Sr. Atualbo, representa “vida”, pois a cada verso decifrado sentimos e percebemos que o poeta produziu com realidade e sentimento.

Sr. Atualbo, no final de nossa conversa, nos revelou uma informação bastante interessante, que ninguém nunca lhe mandou ler. Lia por prazer, e adquiriu esse hábito, acredita ele, por ter visto desde pequeno seus pais lendo revistas, jornais, livros.

### **4.3. Terceira Leitora**

A terceira leitora Sra. Luiza Maria Braga Batista, nasceu em Itapipoca, interior do Estado do Ceará. Dia do nascimento: 26 de novembro de 1947, hoje está com seus 57 anos de idade. Professora aposentada. Residente na Rua Tenente Tito de Barros, 431, Q20, BL02, Apt303, Bairro Cajazeiras. Fortaleza/Ceará. Sua mãe lhe ensinou a ler.

Infelizmente Sra. Luiza conheceu as produções de Manoel Bandeira a pouco tempo: *“Foi no ano de 2002 que passei a conhecer Manoel Bandeira, e a ler suas poesias, pois por coincidência, minha filha concluía um curso de Graduação e fez seu trabalho final de conclusão de curso sobre Bandeira. Todos os dias ela trazia livros de poesia e sobre Manoel Bandeira, da biblioteca de sua faculdade. Mas acredito que nunca é tarde para começarmos a fazer alguma coisa, ainda mais se tratando de leitura”*.

Sra. Luiza nos informou que ao ler as poesias de Manoel Bandeira sentia saudades de sua infância, de familiares. Nos disse ainda que lia preferencialmente “poesias”. E que o livro mais admirado foi: *“Estrela da manhã”*.

Para Sra. Luiza, Manoel Bandeira era um “escritor nato”, inteligente e realista. Todas as poesias lidas são bem produzidas, bonitas, e o mais interessante, com temáticas reais, atuais, “humanas”.

As poesias mais conhecidas que Sra. Luiza leu e escutou falar foi: “Os Sapos”, “Vou-me embora pra Pasárgada”, “Poema do beco”, “Boi morto”, “O Bicho”, “Poética”, e outras

mais. Quando perguntamos o que elas representavam nos respondeu: *“As poesias de Manoel Bandeira representavam a vida de um ser humano como qualquer outro, que possui família, namorada, problemas, infância, saudades”*.

Perguntamos logo em seguida, quem as mandou ler, assim nos respondeu: *Ninguém mandou eu ler. Ao ver aqueles livros trazidos por minha filha bateu inicialmente uma curiosidade em abri-los. Ao abrir um dos livros que estava em cima de sua cama li a primeira poesia. A partir de então não tive mais vontade de parar e fui lendo tudo o que estava a minha frente. Mas acredito que esse gosto foi adquirido desde cedo, na época ainda em que minha mãe lia histórias e contava lendas para mim.*

#### **4.4. Quarta Leitora**

A quarta leitora chama-se Zélia Correia da Silva, nasceu em Guaramiranga a 08 de fevereiro de 1935, hoje está com seus 70 anos de idade. Atualmente reside na Rua 17, casa 101, Bairro da Barra do Ceará, em Fortaleza/Ceará. Dona de casa. Viveu na época da Primeira e Segunda Guerra. No tempo do fascismo e nazismo, período também da Quebra da Bolsa de Nova Iorque. Já no Brasil temos como principais acontecimentos: a política do café-com-leite, os 18 do Forte de Copacabana (1922), a Semana de Arte Moderna (1922), o Movimento Tenentista (1924), e a Coluna Prestes (1924-27).

A primeira pergunta que fizemos, sobre o que achava do escritor Manoel Bandeira, Dona Zélia nos respondeu que: *Bandeira é um escritor muito inteligente, pois para a criação de suas poesias baseou-se em sua vida, e acontecimentos sócio-culturais da época, como exemplo, podemos citar o poema “Os Sapos”, onde Bandeira faz crítica a escola parnasiana*”. Ao ler essas poesias e várias outras, Dona Zélia confessou que a cada vez que

lia uma, sentia prazer em ler mais e mais. A sensação era muitas vezes indescritível, assim disse Dona Zélia. Geralmente

Dona Zélia lia diversas poesias de Manoel Bandeira. Tinha preferência por poesias. Quando perguntamos o que achava do escritor, de suas poesias e temáticas, ela nos respondeu que as poesias de Bandeira eram belíssimas. Quanto ao escritor e suas temáticas poéticas já foram mencionadas anteriormente.

Segundo Dona Zélia, as poesias mais conhecidas de Manoel Bandeira são: “Os Sapos”, “Estrela da vida inteira”, “Vou-me embora pra Pasárgada”, “Epígrafe”, “Pneumotórax”, “Porquinho-da-índia”, “Tereza”, “Poema tirado de uma notícia de jornal”, que por sinal retrata um assunto bastante atual, “Infância”, “Evocação do Recife”, “Desencanto” entre outros. Para Dona Zélia, as poesias de Bandeira representavam toda uma “história de vida”. Ou seja, a sua própria biografia.

Quanto ao seu gosto por leitura, nos informou que ninguém a mandava ler. Na verdade lia por vontade própria.

#### **4.5. Quinta Leitora**

Quinta e última leitora, Sra. Fernanda Batista Albuquerque, nasceu em Fortaleza a 26 de maio de 1978, hoje está com seus 26 anos de idade. Residente na Rua Padre Paulino, 401, Apt303. Estudante e Educadora. Única das leitoras entrevistadas que não conviveu com os fatos marcantes do século XX. Mas uma leitora apaixonada por poesias e preferencialmente as de Manoel Bandeira. Sendo este um dos tópicos fundamentais para a elaboração dessa pesquisa.

Acredita Fernanda que Manoel Bandeira foi um homem e escritor de se admirar. Homem, por ter exposto seus sentimentos no papel de maneira verdadeira. Escritor, por ter tido a sensatez de elaborar poesias tão cativantes. *Bandeira é um escritor fantástico*. Em cada poesia lida de Manoel Bandeira, sentia uma sensação diferente, muitas vezes sentia o que o próprio autor queria transmitir \_ *mas que audácia a minha saber o que o escritor queria transmitir!* Mas, por exemplo, em “Evocação de Recife”, Bandeira descreve a cidade natal de maneira apaixonante: “Não a Veneza americana/ Não a Mauritsstad dos armadores das Índias ocidentais/ ... Recife da minha infância”.

Geralmente costumava ler e ainda continuo lendo diversos textos de Manoel Bandeira, sejam eles escrito em poesia ou prosa. Em poesia, posso citar diversas suas como: “Poema tirado de Uma Notícia de Jornal”, “Os Sapos”, “Meninos Carvoeiros”, “O Bicho”, “Boi Morto”, “Poema do Beco”, “Arte de amar”, “Poemeto erótico”, “Pneumotórax”, “Profundamente”, “Poema de Finados”, “Vou-me embora pra Pasárgada”, “Canção do Vento e da Minha Vida”, “Epílogo”, “A noite morta”, “Epígrafe”, “A Camões”, “Chama e Fumo”, “Porquinho-da-índia”, “Canto de Natal”, “Carta-Poema”, “Testamento”, “Sonho de uma terça-feira gorda”, “Andorinha”, “Irene no céu”, “Estrela da manhã”, “Balada das três mulheres do sabonete araxá”, “Última canção do beco”, “A Mário de Andrade ausente” *entre outras*.

Quanto ao escritor Manoel Bandeira, o acho “esplendoroso”. Quanto as suas poesias, “maravilhosas”. Quanto às temáticas, “sensacionais”. Acredito que todas as poesias mencionadas até então são conhecidas, mas existem muitas outras ainda que não citei.

Para minha pessoa, toda poesia quer queira ou não representa alguma coisa, seja algum momento da vida do poeta, seja alguma aflição, alguma paixão. As poesias de Manoel Bandeira representavam tudo isso e mais um pouco. As poesias de Bandeira representam a sua vida.



Gosto de mencionar que todas as poesias de Bandeira foram lidas por vontade própria. Mas o interesse por Manoel Bandeira surgiu quando estava cursando Letras, na Universidade Estadual do Ceará. Foi precisamente na cadeira de Literatura Brasileira III, quando o professor chegou em sala de aula declamando um poema do poeta\_ “Tereza” \_ “Quando vi Tereza...”.

## CONCLUSÃO

Analisar textos poéticos não é tarefa fácil. Relacioná-los ao contexto sócio-cultural da época revela-se mais difícil ainda, tendo em vista que o ser poeta (poeta-leitor) vivem num universo saturado de críticas e teorias. Mas a poesia, em especial, prende a atenção do leitor, por ser uma tentativa de representar ou restituir por meio da linguagem articuladas aquelas coisas que os gestos, as lágrimas, as carícias, os beijos, os suspiros procuram obscuramente exprimir.

Nesse estudo, focalizamos o contexto sócio-cultural do século XX, a fase modernista idealizada por um grupo de artistas, um pouco da Semana de Arte Moderna de 1922, que pretendia colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu, ao mesmo tempo em que pregava a tomada de consciência da realidade brasileira, e especificadamente a vida e produções poéticas do escritor Manoel Bandeira, verificando as temáticas recorrentes abordadas em algumas de suas poesias. O poeta surpreende-nos através da produção de textos literários ricos em expressividade e conteúdo. Trata-se de uma competência que se compraz num permanente exercício de desempenho em face dos temas, por sinais cotidianos, das formas e técnicas conhecidas, indo do erudito ao popular e do tradicional ao radicalismo das várias vanguardas com que o poeta conviveu ao longo da sua vida literária.

Os resultados a que chegamos levam-nos a afirmar a forte influência desses acontecimentos vividos pelo poeta em suas produções literárias, sendo principalmente as temáticas poéticas mais recorrentes em suas obras.

Devemos mencionar também, a grande importância tomada pelo escritor em criações poéticas que apresentavam temas atuais e populares. Por incrível que pareça, apesar de suas

poesias terem sido escritas no século XX, apresentavam assuntos interessantes e questionadores. Tais afirmações podem ser comprovadas nas entrevistas feitas a cinco pessoas, onde as quatro primeiras viveram praticamente nesse período de produção e desenvolvimento sócio-cultural do século XX. Exceto a quinta leitora, que aqui vos fala, nasceu um pouco mais à frente. Precisamente no final da década de setenta. Mas uma leitora e educadora conhecedora dos fatos relatados feitos em toda sua pesquisa.

Na verdade, esta pesquisa foi elaborada também com o intuito de atrair a atenção de leitores, a textos poéticos. Mostrando que os acontecimentos sócio-políticos e culturais tem participação direta ou indiretamente em nossas vidas. E foi isto que o escritor Manoel Bandeira fez, misturou “o útil ao agradável”. Expôs em seus textos poéticos sua vida e fatos marcantes da época, que por sinal, alguns ainda permanecem vivos.

Concluimos, portanto, a valorização dada à vida do poeta e aos fatos histórico-culturais na elaboração de suas produções poéticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Bandeira a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Livraria Arte Editora, 1986.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura brasileira*. São Paulo, Martins, s/d.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Editora Perspectiva, 1999.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 35ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro; I \_ Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3. ed., ver. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL-MEC, 1971.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio de exegese de um poema de Manoel Bandeira*. In: Manoel Bandeira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / MEC, 1980. Org. Sônia Brayner.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil. Era Modernista*. V.05. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olimpio Editora, 1986.
- GARBLUGLIO, José Carlos. *Roteiro de Leitura: Poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Ática, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Trajatória de uma poesia*. In: Manoel Bandeira \_ *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. v 1.
- MARTINS, Wilson. *Literatura Brasileira. O Modernismo (1916-1945)*. V. VI. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1967.
- MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Formação da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo, Livraria. Martins Ed., 1969.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira Através dos Textos*. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- . *História da Literatura Brasileira*. V.05.3ª ed. São Paulo. Cultrix, 1996.
- RÉGIS, Maria Helena Camargo. *Manual de Comunicação Poética*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1982.
- . *O Coloquial na Poética de Manuel Bandeira*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.
- SOARES, Magda Becker. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. São Paulo: Ática, 1988.
- TELLES, Gilberto M. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.

Travessia. Revista de Literatura Brasileira. Curso de Pós-graduação em Literatura Brasileira. Universidade Federal de Santa Catarina. Manuel Bandeira (1886 – 1986). Florianópolis, V.05, nº13, pg.164, 2º semestre, 1986. Editora da UFSC.